

MANUEL ROSA

primeiro os pés depois a cabeça
28 SETEMBRO '19 | 17 JANEIRO '20

**GALERIA
ALA DA FRENTE**
VN FAMILICÃO

António Gonçalves
curadoria

O poema «pena capital», de Mário Cesariny, dá o mote a esta exposição de Manuel Rosa. Logo nos primeiros versos, lemos:

*O Poeta, exorcismando no seu atelier nos astros:
das páginas do livro jovialmente aberto
primeiros os pés depois a cabeça sais tu
não estás nada parecido
mas és sem dúvida o que se pôde arranjar*

Primeiro os pés depois a cabeça porque é de um estranho nascimento que se trata: nascimento estranho, em que nos estranhemos a nós mesmos. Nascimento do poeta. Perante o corpo votado ao desaparecimento, que pode o poeta? Que significa *exorcismar* «no seu atelier nos astros»? Significa *não prometer* a salvação da totalidade ou de partes do corpo em desaparecimento (apesar da semelhança das esculturas de *quatro pés* em gesso com a prática do ex-voto). Significa ainda *reapresentar* o mesmo corpo, mas depois de fazê-lo passar pelo incêndio imemorial dos astros: *dois torsos* em carvão mineral, lado a lado suspensos. E significa também *espantar* esse medo ancestral (esse «terror» que a tragédia, segundo Aristóteles, teria por função purgar): alguns paus encimados por crânios moldados em gesso como se fossem *espantalhos* encostados a um canto, mas prontos a fincar na terra.

Quatro pés, dois torsos, uns quantos espantalhos cranianos. Corpos — todos os corpos — desmembrados. Estas peças de Manuel Rosa não dizem muito nem pouco sobre arte: dizem-nos *tudo* — à sua maneira. Dizem-nos que a arte não recupera o corpo (e o tempo) perdido, mas ensina-nos a lidar com a perda. E por fim, e serenamente, a perder a própria ideia de perda.

Tomás Maia

Manuel Rosa nasce em Beja (1953). Em 1978 conclui a licenciatura em escultura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e logo em seguida trabalha com o escultor João Cutileiro. Expõe individualmente, pela primeira vez, em 1984, na Módulo – Centro Difusor de Arte, Lisboa.

Utilizando materiais como a pedra, o bronze, o vidro e o metal, do seu trabalho Nuno Faria diz:

«O vocabulário de Manuel Rosa é amplo em termos formais, temáticos e materiais. É um trabalho que, entre referências à escultura primitiva e pré-clássica, à *Arte Povera* e à geração de escultores britânicos surgida nos anos 80 do século passado, se destacou pela forma como construiu um forte sentimento de intemporalidade, por um lado, e uma intensa ligação à terra e aos materiais do lugar, por outro.

«Reiterando, por um lado, arquétipos poderosos — a casa, o barco, o corpo humano —, e, por outro, objectos sem aura, de uso corrente ou índole industrial — cabaças, bolas, baterias de automóvel —, o artista opera, com desconcertante liberdade processual, uma ininterrupta circulação entre energia e forma, figura e sombra, cheio e vazio, totalidade e fragmento, pequena e grande escala, o efémero e o perene.»

As suas exposições individuais mais recentes foram: *Clareira*, Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Guimarães (2018); *Clareira*, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa (2018); *Esculturas – Obras da Coleção de Serralves*, Museu Internacional de Escultura Contemporânea, Santo Tirso (2018). Manuel Rosa desenvolveu também uma intensa actividade na edição, desde 1975 (ainda aluno na ESBAL), na editora Assírio & Alvim, até à venda desta marca à Porto Editora, e mais recentemente na Sistema Solar / Documenta.

1. Sem título, 2019
c. 210 x 80 x 50 cm,
4 cabeças de gesso em
7 estacas de madeira



2. Sem título, 1994–2019
121,5 x 49 x 32 cm, carvão mineral,
resina e fibra de vidro

3. Sem título, 1994–2019
107 x 46 x 30 cm, carvão mineral,
resina e fibra de vidro



4. Sem título, 2019
18 x 60,5 x 62,5 cm, gesso

5. Sem título, 2019
18 x 60 x 62,5 cm, gesso

